

OS PRIMEIROS CONTACTOS PORTUGUESES COM OS POVOS DA ÁFRICA AUSTRAL, ORIENTAL E DO BRASIL. COMPARAÇÃO DE CULTURAS

Coronel Luís M. Alves de Fraga

1. INTRODUÇÃO

É vulgar considerarem-se dois grandes períodos no ciclo dos Descobrimentos Portugueses do século XV: o henriquino e o pós-henriquino. Subjacente a esta divisão está, de uma forma mais do que evidente, a problemática da primeira viagem marítima para a Índia, ou seja, a navegação ao longo da costa ocidental da África com vista à meta desejada — o ponto de inflexão para oriente.

Em meu entender, embora se deva aceitar esta grande divisão temporal da epopeia náutica nacional, pode criar-se um terceiro período — esse sim, indicador da meta «oriental» dos Descobrimentos — que começa com a aclamação de D. João II e está concluído com a chegada de Vasco da Gama a Calecut.

Com efeito, se é verdade que as navegações, tanto em vida do Infante D. Henrique como depois da sua morte, se fizeram ao longo da costa de África, também não deixa de ser certo que o Atlântico, no sentido ocidental, nunca deixou de ser cruzado por nautas portugueses. A prova desse facto está nas expedições às Canárias, no reconhecimento ou descobrimento da Madeira e Porto Santo e, fundamentalmente, no descobrimento do arquipélago dos Açores, o qual foi todo identificado no ano de 1452 com a chegada às Flores e ao Corvo. A verdadeira política que impõe o rumo para Oriente só surge com D. João II e os seus indícios são-nos dados pela prática do sigilo ¹ — em especial no que se liga às navegações atlânticas para ocidente —, pela assinatura do tratado de Tordesilhas e, acima de tudo, com a aceleração do descobrimento de novas terras ao longo da costa ocidental de África. Note-se, a este propósito, que de 1418 a 1481 se navegou, sensivelmente, da latitude de 30° N ² até à latitude de 2° 30' S ³ e que nos cinco anos

¹ Jaime Cortesão, *A Política de Sigilo nos Descobrimentos nos Tempos do Infante D. Henrique e de D. João II*, Lisboa, 1960, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

² Tomei como referência o arquipélago das Canárias que já era conhecido dos portugueses.

³ Tomei como referência a latitude aproximada da ilha de Ano Bom.

posteriores se vai até à latitude de 22° 10' S ⁴, ou seja num lustro percorre-se quase tanto como em seis décadas.

O resultado do rápido progresso das navegações para sul, na tentativa de chegar à desejada Índia, pode afirmar-se sem receio de erro, traduziu-se, de imediato, num menor conhecimento das populações da costa africana depois da foz do Zaire e ao longo de toda a costa oriental de África, quando comparado com o que se tinha da costa ocidental do continente até à foz daquele rio. Na verdade, o facto de se ter demorado cerca de sessenta anos a explorar uma parte da costa de África levou a que, em Portugal, se tivesse desenvolvido, ainda que empiricamente, o conhecimento, por um lado, do modo de contactar as populações negras e, por outro, da sua organização social, política e económica.

É com esse conhecimento, desenvolvido com base na experiência, que os Portugueses vão, no final do século XV, entrar em contacto com as populações costeiras quer da África austral e oriental, quer da Índia, quer, ainda, do Brasil. Em qualquer dos casos, chegaram até nós os relatos dos primeiros encontros⁵ com esses povos, tanto pela pena de Álvaro Velho, como pela prosa de Pêro Vaz de Caminha.

O objectivo desta comunicação é, partindo dos relatos dos autores antes referidos, estabelecer, por um lado, a comparação das culturas dos povos da África austral e oriental com a cultura dos índios brasileiros e, por outro, deixar explicitado o modo como os Portugueses contactavam esses mesmos povos.

Começarei pela análise do *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, da autoria de Álvaro Velho⁶, depois, passarei a desenvolver igual estudo da *Carta* de Pêro Vaz de Caminha e, nas conclusões, estaberecerei a síntese possível.

2. O ROTEIRO DE ÁLVARO VELHO

Antes de iniciar qualquer análise do *Roteiro* devido a Álvaro Velho⁷ quero, desde já, realçar a extraordinária diferença entre o relato do acompanhante de Vasco da Gama, na primeira viagem marítima à Índia, e o relato de Pêro Vaz de Caminha.

⁴ Tomei como referência a latitude da Serra Parda, descoberta por Diogo Cão.

⁵ Concorro inteiramente com Luís de Albuquerque no que respeita à originalidade da viagem de Vasco da Gama à Índia, em 1497-98. Seria, com efeito, muito difícil a manutenção do segredo de viagens no Índico antes da que oficialmente estabeleceu a descoberta da rota da costa do Malabar. (Cf. Luís de Albuquerque, *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Alfa, 1985, pp. 123-132.

⁶ Seguirei o texto, e respectivos comentários, fixado por Neves Águas, editado pelas Publicações Europa-América, no ano de 1987 (?), em Mem Martins.

⁷ Luís de Albuquerque prefere chamar-lhe *Diário*, porque julga tratar-se de um documento de anotação de acontecimentos em vez de ser um relato para uso do Rei. Não me parece, para o efeito que tenho em vista com esta comunicação, importante entrar na discussão de tais pormenores. (Cf. Luís de Albuquerque, *op. cit.*, p. 132.

Realmente, o escrivão de Pedro Álvares Cabral deu nota de uma invulgar capacidade de observação e de atenção aos pormenores a qual estava muito longe de ser comum a Álvaro Velho; este preocupou-se com a descrição dos traços mais largos que melhor serviam o conhecimento económico, político e religioso que interessavam ao Rei, em Lisboa. Todavia, do ponto de vista do estudioso actual, o **Roteiro** oferece algumas perspectivas que possibilitam um entendimento das populações costeiras de África e suas culturas. Começemos pelos aspectos mais gerais.

Do relato, pouco desenvolvido, que o autor do **Roteiro** nos faz dos contactos com os povos das regiões costeiras da África austral e oriental, pode concluir-se sobre a acção religiosa islâmica naquela parte do continente. Assim, é seguro que na Ilha de Moçambique, e a norte desta região, já havia influências muçulmanas, enquanto que a sul elas eram suaves ou mal se faziam sentir. Essa ténue influência ressalta quando se faz o estudo atento do **Roteiro**. Na verdade, ao analisar a narração que Álvaro Velho faz do encontro com «dois senhores» que foram visitar as naus de Vasco da Gama na sua passagem pela foz do rio Quelimane ou, como então foi chamado, *Rio dos Bons Sinais*, geram-se indícios de que se tratam de poderosos comerciantes muçulmanizados, dada a forma como trajavam⁸. Caso não fossem indígenas já cativados para a religião de Maomé tinham, pela certa, contactos com outros que o eram. Assim, e independente da existência de mais provas⁹, não me repugna admitir que na costa oriental da África a influência islâmica, em 1498, ia para sul do paralelo de Quelimane, não chegando, contudo, ao de Inharrime¹⁰.

Aceitando como boas as razões que exponho pode-se, então, de uma forma genérica, considerar que, no findar do século XV, pelo menos a África costeira tinha um contorno cultural islâmico ou islamizado que na vertente ocidental chegaria até à latitude 16º N e na vertente oriental ia até cerca do paralelo 20º S. Daqui pode-se concluir um outro dado importante: enquanto o Mundo Cristão só sabia navegar no Mediterrâneo e esboçava as primeiras arremetidas no Atlântico, já o Mundo Islâmico tinha como lago das suas embarcações, além do Mediterrâneo, o Mar

⁸ Atente-se na prosa de Álvaro Velho: «(...) vieram dois senhores desta terra a ver-nos; os quais são tão alterados (*soberbos, orgulhosos*) que não prezavam coisa [alguma] que lhe[s] dessem. E um deles trazia uma *touca* posta na cabeça, com uns vivos lavrados de seda, e o outro uma *carapuça* de cetim verde» (significado e sublinhados da minha responsabilidade). Deve atentar-se no facto de constituir sinal distintivo entre os muçulmanos o facto de andarem de cabeça coberta. A própria postura orgulhosa indiciava um tipo de enculturação religiosa diferente da dos outros povos africanos.

⁹ Sabe-se hoje que a influência islâmica se fazia sentir até Sofala, por conseguinte, um pouco ao sul de Quelimane. Cf, por exemplo, M. Ângela Montenegro Miguel, «Sofala» in **Dicionário de História de Portugal**, (dir. Joel Serrão), vol. VI, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, pp. 56-57.

¹⁰ A este propósito pode ver-se, por exemplo, de Joseph Burlot, **A Civilização Islâmica**, Publicações Europa-América, Mem Martins, s.d. (1992), pp. 174-212.

Arábico e uma parte significativa do Índico. Eis a razão pela qual chegar à costa do Malabar era penetrar no mais fundo do poder do Mouro.

Voltando à primeira viagem à Índia é possível verificar que na área não islamizada de África austral, Vasco da Gama tocou na Angra de St.^a Helena, antes da passagem do Cabo da Boa Esperança, na Angra de S. Brás, actual Mossel Bay e em Inharrime - então designada *Terra da Boa Gente*; na área já islamizada ou pré-eslamizada ¹¹ ancorou em Quelimane, na Ilha de Moçambique, na Ilha de S. Jorge, em Mombaça e em Melinde. Passemos, agora a uma análise mais pormenorizada dos costumes de cada uma destas regiões.

Quanto ao *aspecto físico* dos naturais da região mais austral da África - Angra de St.^a Helena e Mossel Bay - Álvaro Velho achou-os «baços» e, provavelmente, de estatura mediana ou baixa, já que não referiu o contrário como parece ter sido seu hábito ¹². Deve dizer-se que o termo «baço» corresponde a uma cor acastanhada ou achocolatada, diferente da cor negra ¹³. Negras e bem constituídas eram as populações de Inharrime.

Relativamente ao *vestuário*, na Angra de St.^a Helena e na de S. Brás ¹⁴, os habitantes andavam cobertos de peles e adornados com manilhas de marfim de elefante, que em Mossel Bay eram abundantes; contudo, Álvaro Velho já não faz qualquer menção à forma de se vestirem os habitantes de Inharrime. O cronista notou, também, que tanto os homens da Angra de St.^a Helena como os da de S. Brás abanavam o rosto com um «rabo de raposa» preso num pau, contudo, já não faz referência a esse facto em relação aos habitantes de Inharrime. Na minha opinião, não se deve tratar de qualquer sinal de poder gentílico, dado o uso generalizado que o relato de Álvaro Velho supõe ¹⁵.

¹¹ Entendo-as assim àquelas em que a presença muçulmana era um facto embora não representasse uma opção religiosa geral das populações - caso de Quelimane.

¹² É o caso da referência que faz aos naturais de Inharrime, que os acha com «grandes corpos», os de Quelimane e da Ilha de Moçambique, de quem diz que têm «bons corpos».

¹³ Deve dizer-se que empregou, por vezes e não para os caracterizar, a expressão negro. Seja como for, não me custa a aceitar a existência de uma coloração diferente entre os negros do Golfo da Guiné e os da África austral a qual tenha levado Álvaro Velho a preferir, em certas circunstâncias, a expressão *baço a negro*.

¹⁴ Diga-se, respeitando a verdade, que Álvaro Velho não faz qualquer referência ao vestuário, propriamente dito, das populações da Angra de S. Brás, todavia, tudo me leva à conclusão, dada a latitude, o tipo de clima e a distância à Angra de St.^a Helena - cerca de 600 quilómetros em linha recta pelo interior - que as populações deveriam trajar de forma muito semelhante.

¹⁵ Deve, também, ter-se em linha de conta o facto dos portugueses, nas suas viagens, estarem altamente sensibilizados para a identificação de qualquer sinal de chefia

Das *armas* usadas sabemos que em Angra de St.^a Helena os homens exibiam «varas de zambujo com cornos tostados»¹⁶; sobre as que eram usadas em Mossel Bay nada se sabe; pelo contrário, tem-se conhecimento que em Inharrime os homens se muniam de arcos muito grandes, flechas, zagaia com pontas de ferro e punhais¹⁷. Desta informação parece poder admitir-se que as populações de Inharrime estavam tecnicamente mais avançadas do que as das regiões mais austrais e, na verdade, outros indícios há que ajudam a esta conclusão. Assim, aos companheiros de Vasco da Gama foi dado perceber que em Inharrime já se trabalhava o cobre e o estanho, fazendo, com o primeiro, adornos para se enfeitarem e, com o segundo, guarnições para os punhais; as bainhas destes eram de marfim.

Quanto à *alimentação* temos informações concretas relativamente à Angra de St.^a Helena e a Inharrime, podendo deduzir outras de Angra de S. Brás. Vejamos.

No primeiro porto referido as populações viviam, segundo tudo indica, da caça, pois comiam a carne de «lobos marinhos», de baleias e de gazelas. Por outro lado, Álvaro Velho diz-nos que comiam raízes de certas ervas e mel, que sabiam colher na charneca. Em minha opinião, e face aos dados de que dispomos, estamos, de facto, perante uma sociedade caçadora-recolectora, agressiva¹⁸, nómada e, como tal, sem chefia terratenente, donde, dependente de um poder político colectivo do tipo *conselho de anciãos*, já que o cronista não faz referência a nenhuma hierarquia visível. A conclusão de se tratar de um sociedade de caçadores-recolectores sai reforçada pelo facto de desconhecerem a canela e o cravo, o ouro e as pérolas.

Em Angra de S. Brás o autor do *Roteiro* não deve ter tido possibilidades de recolher quaisquer informações sobre a alimentação, contudo, torna-se fácil perceber, através de alguns indícios, nomeadamente, o facto de negociarem vacas e carneiros com os navegadores, castrarem os bois, montá-los e trazerem o gado *vacum* preso pelas ventas, que se tratava de uma sociedade, provavelmente nómada¹⁹, dedicada à pastorícia, todavia, agressiva face ao consumo de água doce por parte dos navegadores, facto que, quanto a mim, confirma o tipo de organização socio-

¹⁶ Conheciam o cobre que, segundo parece, não usavam em armamento, mas utilizavam para fazer pequenas contas com que adornavam as orelhas.

¹⁷ É de admitir que em Angra de S. Brás, tal como na de St.^a Helena, não fosse desconhecido o arco e as flechas.

¹⁸ Na verdade, essa agressividade só se mostrou nos últimos dias, na sequência da estadia de Fernão de Veloso num jantar em terra com os naturais; não nos pode passar despercebido que Veloso pretendia conhecer hábitos mais íntimos dos indígenas e que deveria ter pouco tacto para resolver tais situações, já que Álvaro Velho isso mesmo evidencia: «E pediu por mercê ao capitão-mor que lhe desse licença para ir com eles a suas casas. E o capitão-mor, *vendo-se importunado dele, que o não deixava se não lhe desse a licença*, o deixou ir com eles (...)». Qual terá sido o nível de insistência de Fernão Veloso junto dos naturais?

¹⁹ Continua-se a verificar a ausência de chefes terratenentes o que leva a supor a existência de um órgão colectivo de anciãos.

económica que identifiquei, já que a água doce seria uma das fontes de manutenção dos seus gados.

De Inharrime diz-nos Álvaro Velho que as populações comiam papas de milho e galinhas ²⁰. Se associarmos esta informação ao facto de os naturais já saberem dominar a técnica de obtenção de sal a partir da água do mar ²¹, ao habitarem casas de palha ²², ao conhecerem e trabalharem o cobre, o estanho e o ferro, à elevada densidade populacional ²³, à reduzida agressividade para com estranhos e, acima de tudo, à existência de chefes visíveis, tudo se encaminha no sentido de podermos identificar uma sociedade agrícola sedentária e organizada segundo princípios de posse da terra próximos dos conceitos feudais ou feudalizantes ²⁴.

Concluído o estudo das regiões não eslamizadas, passemos, agora, ao daquelas onde já se fazia sentir a influência muçulmana.

Quelimane foi o primeiro porto que a frota de Vasco da Gama tocou depois de deixar a *Terra da Boa Gente*. Pouca informação útil nos deixou o cronista, todavia, algumas conclusões se podem tirar.

Quanto ao *aspecto físico*, Álvaro Velho identificou as populações como sendo negra «com bons corpos», ou seja, bem constituídos. Andavam nus, cobrindo somente a parte inferior do corpo com um pano; a dimensão deste variava segundo a importância social do indivíduo.

Relativamente ao domínio de *técnicas*, foi possível ao cronista da primeira viagem marítima em torno de África, verificar que os homens, em Quelimane, sabiam trabalhar o estanho e sabiam fazer e utilizar pequenas embarcações a que os nossos navegadores chamavam *almadias* ²⁵.

²⁰ «(...) até que chegou [à] aldeia, (...) e mandou agasalhar aos dois homens [portugueses] que iam com ele; em um cerrado, e ali lhe[s] mandou *papas de milho*, que há muito naquela terra, e uma *galinha* como as de Portugal».

²¹ «Esta gente traz umas cabaças grandes em que levam do mar para o sertão água salgada e deitam-[n]a em uma poças na terra e fazem dela sal».

²² «E as casas desta terra são de palha; (...)»-

²³ «Esta terra, segundo nos pareceu, é *muito povoada*, e *há nela muitos senhores*; e as mulheres nos parecia que eram mais que os homens (...)». Uma notável densidade populacional, é sabido hoje, corresponde a padrões de vida só desenvolvíveis em sociedades sedentárias.

²⁴ Face à oferta que ao chefe visível foi feita por Vasco da Gama, aquele informou os portugueses que pernотaram na povoação «(...) que ia amostrar aquilo que lhe deram a um grande senhor que eles tinham, e, segundo nos parecia, que seria o rei daquela terra».

²⁵ É verdade que é admissível que tanto as populações de Angra de St.^a Helena como as de Angra de S. Brás e as de Inharrime tivessem o mesmo tipo de embarcações, contudo, Álvaro Velho não o refere. Esta ausência de informação pode resultar de uma incapacidade técnica das populações da África mais austral enfrentarem o mar, em particular aquelas que se dedicavam ao pastorícia.

O facto de, pelo menos em aparência, haver uma hierarquia socio-económica entre a população de Quelimane, associada à sua pouca agressividade ²⁶, leva-me a admitir que se tratava de uma sociedade agrícola sedentária organizada segundo princípios de posse da terra próximos dos conceitos feudais, ou feudalizantes, mas ligeiramente diferente da de Inharrime por já estar a viver a influência de dois fenómenos concomitantes: a admissão de actividades comerciais com elementos exteriores ao grupo social e a muçulmanização ²⁷.

Como nota curiosa não posso deixar de fazer referência que foi em Quelimane, segundo a informação de Álvaro Velho, que grande parte da tripulação começou a adoecer daquilo que mais tarde se veio a saber ser escorbuto e, como veremos mais à frente, vão começar a melhorar em Mombaça. A seu tempo terei oportunidade de esclarecer que não foram os bons ares daquela cidade que contribuíram para tais melhoras.

Depois de Quelimane, o porto que a frota de Vasco da Gama demandou foi a Ilha de Moçambique.

Quanto ao *aspecto físico*, o cronista classificou os habitantes daquela ilha do Índico como «ruivos» o que equivalia, na terminologia da época, a dizer castanhos ou achocolatados; achou-os bem constituídos. Os homens deviam trajar túnicas ou algo semelhante, porque o cronista chama-lhes «vestiduras», enquanto noutras circunstâncias usa outras formas de expressão. As vestes que os habitantes usavam eram de linho e de algodão bem trabalhado; na cabeça andavam com toucas «com vivos de seda lavrados com fio de ouro».

Praticavam a *religião* maometana, mas, curiosamente, de acordo com o relato de Álvaro Velho, não tinham qualquer tipo de relutância em comer os alimentos que os navegadores lhes ofereciam, facto que me leva a poder admitir que nem todos os habitantes da Ilha de Moçambique fossem, de facto, praticantes do islamismo o que, a ser verdade, nos colocaria perante uma provável situação de domínio político-religioso por parte de um potentado muçulmano.

Do ponto de vista das *técnicas*, deve dizer-se que a população da Ilha de Moçambique já sabia navegar à vela, para o que usavam embarcações maiores do que as almadias. Conheciam música a qual tocavam, pelo menos em anafis, ou seja em trombetas características dos povos muçulmanizados.

Segundo tudo leva a crer, viviam do comércio que estabeleciam com regiões do interior de África ²⁸ e os navegantes do Mar Árábico, por isso conheciam e negociavam ouro, prata,

²⁶ Veremos que a agressividade relativamente ao grupo exterior que chega por barco e não mostra intenção de se radicar na região só se manifesta por parte de grupos provavelmente não sedentarizados ou em fase inicial de sedentarização e por parte de grupos dedicados ao comércio e religiosamente rivais.

²⁷ Veja-se o que referi no início, a propósito da presença islâmica em Quelimane.

²⁸ O contacto com o interior da África devia-se estabelecer por causa do ouro. Atente-se na expressão de Álvaro Velho: «(...) segundo eles diziam [os habitantes da Ilha], que todas estas coisas vinham de carreto [transportadas], e que aqueles mouros o traziam, *salvo o oiro*; (...)».

panos, cravo, pimenta, gengibre, pérolas e rubis. A *organização política* era a de um sultanato, em concordância com a islamização das populações.

Em resumo, na Ilha de Moçambique, em 1498, vivia-se já um estádio cultural muito próximo do da *cultura indo-mediterrânea* ²⁹ e distanciado daquele em que estavam as regiões mais meridionais da África.

Pouco distante da Ilha de Moçambique fica a Ilha de S. Jorge, hoje designada Ilha de Goa, onde a frota de Vasco da Gama se viu forçada a tocar.

Álvaro Velho não faz qualquer referência quanto ao *aspecto físico* dos habitantes desta ilha, contudo, sou de opinião que, dada a proximidade, deveria ser igual ao dos da Ilha de Moçambique. O cronista afirma, e com provas, tratarem-se de seguidores da religião maometana ³⁰.

Relativamente ao *armamento*, possuíam arcos e flechas muito compridas e «tavola-chinhas» que, muito provavelmente, eram pequenos escudos redondos feitos com peles de animais ou mesmo com madeira.

Do ponto de vista do domínio das *técnicas*, diz-nos o cronista que tinham grandes embarcações à vela - tendo esta a forma de esteira feita de folha de palmeira - e, facto curioso, Álvaro Velho chega ao pormenor de verificar que o tabuado desses barcos não era pregado, mas amarrado com tamiça, ou seja entrançado de folhas de palmeira. Por outro lado, os marinheiros da Ilha de S. Jorge já possuíam bússolas, «quadrantes» e cartas de marear.

Quanto à *alimentação*, já a informação que nos chegou é suficientemente abundante; com efeito, sabemos que tinham animais domésticos, tais como galinhas, cabras e pombas, por outro lado, cultivavam pepinos e melões, além de comerem cocos, que colhiam das palmeiras.

Integrando os dados recolhidos, julgo que se pode garantir a existência de uma sociedade agro-comercial, familiarizada com os contactos com navegantes daquelas e doutras paragens, e que essa mesma abertura a levou a evoluir, tanto do ponto de vista religioso, como do ponto de vista cultural, no sentido da adopção de hábitos indo-mediterrâneos.

Da Ilha de S. Jorge seguiu a armada de Vasco da Gama para Mombaça. Os habitantes são classificados por Álvaro Velho como mouros, restando-me a dúvida se tal resultava, exclusivamente, da sua crença religiosa ou se do seu aspecto étnico. A insistência do cronista na designação - bem distinta da que utilizou para os habitantes muçulmanizados da Ilha de Moçambique - parece apontar para a existência de uma verdadeira colónia comercial de povos originários da

²⁹ Julgo que se pode definir, relativamente aos séculos XIV e XV, como cultura indo-mediterrânea a enculturação dos povos hindus da costa do Malabar e da costa oriental da África, até às latitudes da Ilha de Moçambique ou mesmo de Sofala, como resultado dos contactos de toda a ordem com os comerciantes muçulmanos da Arábia e das regiões orientais do Mediterrâneo.

³⁰ «(...) o senhor (...) veio ao navio [de Nicolau Coelho] com muita gente, e ele o agasalhou muito bem e lhe deu um capuz vermelho, e o senhor a ele *umas contas que ele trazia, por que reza*, as quais lhe deu por seguro, (...)»

região oriental da bacia do Mediterrâneo e não para uma enculturação dos povos autóctones ³¹. É provável que em Mombaça coexistissem outros grupos étnico-religiosos minoritários, nomeadamente paleocristãos oriundos, também, da Índia ou do Mediterrâneo oriental.

As *armas* que os habitantes de Mombaça exibiam eram as já referidas «tavolachinhas» e espadas de lâmina curta, que Álvaro Velho designou «terçados». Este artefacto evidencia a prevalência e superioridade local da cultura mediterrâneo-islâmica relativamente aos autóctones. Isto mesmo se poderá concluir da oferta de laranjas, cidrões e cana-de-açúcar, que o rei de Mombaça manda fazer a Vasco da Gama - já que se tratam de frutos típicos dos hábitos alimentares da bacia do Mediterrâneo.

Álvaro Velho, a dado passo do relato da presença da frota em Mombaça, diz: «(...) como fomos junto com esta cidade, logo tôdolos doentes que trazíamos foram sãos, porque esta terra é de muitos bons ares». Ora, como já antes referi, muito provavelmente a grande maioria dos doentes devia padecer de escorbuto o qual terá desaparecido, não pelos «bons ares» de Mombaça, mas pelo consumo de laranjas e frutas frescas que deviam abundar ³²!

No respeitante aos conhecimentos *técnicos*, pelo relato do cronista, ficamos a saber que conheciam na perfeição a maneira árabe de construir embarcações de carga - as designadas «zavras» ³³ - e que, também, dominavam a construção castrense, porque a cidade possuía uma fortaleza ³⁴, referência que Álvaro Velho não fez quando tratou dos lugares por onde antes haviam aportado.

Em Mombaça comerciava-se cravo, pimenta, gengibre e sorgo ou trigo tremês, actividade que, associada às indicações antes já evidenciadas, me leva à conclusão de estarmos, também, em presença de uma sociedade agro-comercial marítima com hábitos culturais indomediterrâneos.

O porto seguinte, onde a armada de Vasco da Gama tocou, foi em Melinde e pode, desde já, dizer-se que, quanto mais os navios se aproximavam das latitudes da desejada Índia, mais se internavam no Mundo Islâmico. Com efeito, Álvaro Velho já nem se dá ao trabalho de

³¹ Luís de Albuquerque é conclusivo quanto ao facto de Mombaça já ser referida na literatura geográfica árabe no século XIII. Cf. «Mombaça» in *Dicionário de História de Portugal*, (dir. Joel Serrão), IV vol., Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 329.

³² Note-se que na viagem de retorno ao Reino se verificou, na travessia do Índico, nova crise de escorbuto - chegou para matar trinta tripulante! - e que, empiricamente, os doentes já conheciam a forma de buscar a cura. Atentemos na seguinte passagem do *Roteiro*, quando a frota estava de novo frente a Melinde: «E o capitão mandou, (...), um homem a terra, para ao outro dia trazer laranjas, que muito desejavam os doentes que trazíamos; como de feito as trouxe logo, (...), posto que não aproveitaram aos doentes - [pois] que a terra os apalpou em tal maneira que aqui se nos finaram muitos».

³³ «Aquele noite seguinte, à meia-noite, vieram em uma zavra obra de cem homens (...)»

³⁴ «Esta cidade é grande (...). E tem à entrada um padrão; e tem a vila, junto com o mar, uma fortaleza baixa».

descrever o *aspecto físico* dos Melindanos, limitando-se a referir que o rei trajava vestes de cetim e de damasco. É pela descrição dos resultados da aplicação de certas *técnicas* que se define o facto de ser uma sociedade islâmica. Assim, o cronista dá nota do conhecimento da construção de zavras, de saberem trabalhar o latão e a prata e de serem capazes de compor música, pelo menos, na base dos instrumentos de sopro. Por outro lado, esta sociedade islamizada não fugia à regra geral comum às anteriores: vivia do comércio marítimo, que fazia com os povos da Índia e do Mar Árabe. Ali se vendia o cravo, os cominhos, o gengibre, a noz moscada e a pimenta.

É provável que a sua *alimentação* fosse muito semelhante à dos povos mediterrâneos, já que, pelo menos, comiam carneiro, milho e legumes, que cultivavam.

As *habitações* deviam assemelhar-se às que eram conhecidas dos portugueses, porquanto Álvaro Velho, além de referir que as casas eram altas, caiadas e com muitas janelas, deixa-se levar pela tentação de fornecer a D. Manuel I uma imagem que lhe fosse familiar e compara Melinde a Alcochete; nada melhor para definir a vertente mediterrânea da cultura material daquela sociedade.

Chegado ao termo das paragens da frota de Vasco da Gama em África, resta-me avançar dois anos no tempo e, sumariamente, inventariar os elementos que nos permitam concluir sobre o tipo de sociedade que Álvares Cabral foi encontrar no Brasil.

3. A CARTA DE PÊRO VAZ DE CAMINHA

Como já antes referi, há uma extraordinária diferença entre a capacidade descritiva de Álvaro Velho e a de Pêro Vaz de Caminha. A este facto se ficou a dever a existência de uma vasta bibliografia sobre os primeiros contactos dos portugueses com os índios brasileiros, muito em particular, numa perspectiva antropológica.

Os olhos argutos de Caminha e a sua facilidade de expressão dão-nos, passados quinhentos anos, um retrato perfeito dos aspectos que permitem identificar as características de toda a ordem dos índios que a armada de Cabral encontrou na baía onde aportou para fazer aguada.

Embora seja já quase lugar comum, ao tratar da viagem de Cabral, abordar a polémica do descobrimento do Brasil, também eu não me exímio a fazê-lo, por julgar que um pormenor referido na *Carta*³⁵ de Caminha poderá contribuir para ampliar as dúvidas. Para tanto haverá que transcrever a parte que interessa e que se reporta ao final da missa celebrada no último dia — 1 de Maio de 1500 — de permanência de Cabral em Porto Seguro. Vejamos.

³⁵ Devo esclarecer que neste trabalho segui o texto da *Carta* editado por Jaime Cortesão — *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994 — comparando-o com aquele que foi publicado na obra *Lisboa e os Descobrimentos. 1415-1580: a invenção do mundo pelos portugueses*, Lisboa, Terramar, s. d. (1992), pp. 165-184.

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficou em alva; e assim se subiu junto com o altar, em uma cadeira. Ali nos pregou do Evangelho e dos Apóstolos (...).

*Esses [os índios], que estiveram sempre à pregação, quedaram-se como nós olhando para ele. E aquilo ³⁶, que digo, chamava alguns que viessem para ali. Alguns vinham e outros iam-se. E acabada a pregação, **como Nicolau Coelho trouxesse muitas cruces de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda**, houveram por bem que se lançassem uma ao pescoço de cada um. (...). Vinham a isso muitos; e lançaram-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cinquenta.*

Sublinhei a passagem que me suscita dúvidas para que se possa analisar com cuidado. Começamos por tentar interpretar o que pretendia Vaz de Caminha dizer com a expressão «que lhe ficaram ainda **da** outra vinda».

Podemos admitir que se tratava: (1) de uma anterior estadia de Nicolau Coelho em terra; (2) de outra viagem marítima, para qualquer outro ponto; (3) de uma anterior viagem que Nicolau Coelho tivesse feito àquelas paragens.

Vejamos, por ordem, cada uma das hipóteses. Segundo a **Carta**, Nicolau Coelho, entre 23 e 30 de Abril, esteve, garantidamente ³⁷, duas vezes em terra: uma, a 23, noutra zona da costa diferente daquela que hoje se identifica como a baía Cabrália, ou Porto Seguro, e outra a 25, já neste porto, para deixar na praia dois índios que haviam pernoitado no navio de Cabral; nesta estadia levou, para distribuir aos indígenas, «cascavéis» e «manilhas». Depois destas, é possível ³⁸ que Nicolau Coelho tenha estado em terra mais cinco vezes, a saber: (a) a 26, para ir ao ilhéu onde se celebrou missa; (b) nesse mesmo dia, para inspeccionar o rio; (c) a 27, quando foram buscar água; (d) a 28, quando foram apanhar lenha e lavar roupa; (e) finalmente, a 30, quando foram buscar mais lenha e água e beijar a cruz, que já estava feita. Deve dizer-se, tudo o leva a crer, as idas a terra não eram livres e dependiam da vontade de Álvares Cabral.

Atentemos, de novo na frase e avaliemos, agora da verosimilhança da primeira hipótese — «que lhe ficaram ainda da outra vinda». Se entendermos que o verbo «ficar» tem aqui o significado de «sobrar», percebemos que estamos face a *sobras* ³⁹, ou seja, que já tinha havido uma outra entrega de cruces. Ora, como nos sete possíveis desembarques de Nicolau Coelho não se faz referência a nenhuma distribuição de cruces — acto tão significativamente importante que,

³⁶ Na versão da obra **Lisboa e os Descobrimentos** está «aquele», o que me parece mais correcto para a compreensão actual do texto.

³⁷ Porque o seu nome é expressamente referido na **Carta**.

³⁸ Porque não mais Vaz de Caminha menciona o nome de Nicolau Coelho, embora refira situações em que se torna admissível a sua presença.

³⁹ Note-se que a ideia de sobre é reforçada com o advérbio *ainda*. A frase poder-se-ia dizer, então da seguinte maneira: «que ainda lhe sobraram da outra vinda»

quando ocorreu, mereceu figurar na **Carta** de Vaz de Caminha — tudo, por conseguinte, parece apontar no sentido de a «outra vinda» não corresponder a uma anterior estadia em terra.

Passemos à análise da segunda hipótese — à afirmação «outra vinda», corresponder a ideia de «outra viagem marítima, para qualquer outro ponto».

É sabido que, pelo menos nos três anos anteriores, Nicolau Coelho estivera empenhado na grande viagem marítima, comandando a nau *Bérrio*, na frota de Vasco da Gama a caminho da Índia. Ora, parece, pode-se aceitar como verosímil a hipótese de lhe terem sobrado quarenta a cinquenta crucifixos das andanças pelo Índico os quais tivesse guardado para distribuir aquando desta nova demanda da costa do Malabar.

Verosímil é, também, a terceira hipótese — Nicolau Coelho ter feito outra viagem àquelas paragens, antes da descoberta do caminho marítimo para a Índia. Vejamos os fundamentos.

Dos três capitães de navio que foram a Calecut com Vasco da Gama, Coelho ⁴⁰ é o único que integra a frota de Cabral, tal como Pêro Escobar, seu piloto; quer dizer, a sua escolha para a segunda missão tem fundamento na primeira, todavia, onde se encontrava a razão de peso que levou à nomeação para esta? Parece que a lógica da escolha dos capitães de navio das grandes empresas marítimas entroncava na existência de, pelo menos, um elemento com experiência passada no mesmo domínio ⁴¹. Atente-se no caso do piloto Pêro Escobar ⁴² que era, diríamos hoje, um perito no Atlântico Sul, já que, além de ter descoberto a Mina, acompanhou Diogo Cão na sua expedição ao Congo. Perito era, também, Bartolomeu Dias, que capitaneou uma das naus de Cabral. Será que foram estes os navegadores pré-colombinos e pré-cabralinos que chegaram ao Brasil e aos quais se referia o Prof. Manuel Ramos ⁴³ ? Não tendo resposta, resta-me deixar a dúvida.

Ultrapassado o contributo para aumentar a polémica do prévio conhecimento da existência do Brasil antes de 1500, passarei ao meu propósito principal: estabelecimento da comparação de culturas dos povos autóctones encontrados pela primeira vez nas viagens de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral.

A experiência dos portugueses no contacto com os povos africanos, em especial com os da costa ocidental, levou-os ao desenvolvimento de *técnicas de abordagem* quando não dominavam a língua local.

⁴⁰ Veja-se, entre outros, José de Freitas Ferraz, «Nicolau Coelho» in **Dicionário de História de Portugal**, (dir. Joel Serrão), vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 92.

⁴¹ E da leitura completa do **Roteiro** pode facilmente concluir-se que Nicolau Coelho era «perito» no reconhecimento das costas e no estabelecimento dos primeiros contactos com os autóctones.

⁴² Consulte-se Maria Lucília Estanco Louro, «Pêro Escobar» in **Dicionário de História de Portugal**, (dir. Joel Serrão), vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 418.

⁴³ «A tradição portuguesa de terras e viagens para ocidente; Cabral e o Brasil» in **História de Portugal**, (dir. Damião Peres), vol. III, Barcelos, Portucalense Editora, 1931, p. 597.

Na viagem de Cabral foram utilizadas, até à saciedade, essas técnicas. Assim, por exemplo, para garantir a ausência de ataques inesperados dos índios, através de *gestos*, levavam-se estes a abandonar os arcos e flechas que transportavam ⁴⁴. Outro método usado com vista ao provável conhecimento das produções locais consistia na *exibição dos artigos ou produtos* sobre os quais se pretendia informação ⁴⁵. Para colher dados mais completos era usual utilizar *degredados* que se mandavam a terra, em missão exploratória, ou que se abandonavam na região descoberta com a finalidade de aprenderem a língua, podendo noutra viagem, se sobrevivessem, relatar o que entretanto haviam observado ⁴⁶. Este processo podia ser complementado, como esteve para ser na ida de Cabral, com a *tomada pela força de autóctones* que se transportavam para Portugal e a quem se ensinava a língua para depois colher as informações desejadas. Todavia, não foi adoptado este critério, porque os capitães dos navios da frota aconselharam Cabral a não «(...) tomar por força homens, porque geral costume era dos que assim levavam por força para alguma parte dizerem que há aí tudo o que lhes perguntam». Para fornecer aos indígenas uma *noção da hierarquia* existente entre os navegadores usava-se mostrar o capitão rodeado de grande pompa e aparato - «O capitão [Álvares Cabral], quando eles vieram, estava assentado em uma cadeira e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço. E Sancho Correia e nós outros, que aqui na nau com ele imos, assentados no chão por essa alcatifa». Para dar uma *noção de sagrado*, os navegadores não só celebravam missas em terra, como, também, exageravam certas atitudes demonstrativas de adoração e respeito a certos símbolos ⁴⁷. Finalmente, como forma universal de estabelecer laços de aproximação e entendi-

⁴⁴ Veja-se, por exemplo, esta passagem da *Carta*: «Traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pusessem os arcos; e eles os puseram».

⁴⁵ «Porém, um deles, pôs olho no colar do capitão [que era de ouro] e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizia que havia em terra ouro. E também viu um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia também prata». E repare-se na subtileza seguinte, como que a pretender confirmar as informações já obtidas: «Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão trazia, tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como que os havia aí». E em seguida «Mostraram-lhes um carneiro, não fizeram menção. Mostraram-lhes uma galinha, quase haviam medo dela e não queriam pôr mão e depois a tomaram como espantados».

⁴⁶ «(...) perguntou [Pedro Álvares Cabral] mais se seria bom, (...) deixar aqui (...) outros dois destes degredados. A isto acordaram (...) que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens destes degredados que aqui deixassem».

⁴⁷ «Quando saímos do batel, disse o capitão [Cabral] que seria bom irmos direitos à cruz, que estava encostada a uma árvore, (...), e que nos puséssemos todos em joelhos e a beijássemos, para eles verem o acatamento que lhe tínhamos». «(...) ele [Cabral] com todos nós outros fomos pela cruz, (...), onde ela estava [encostada à árvore]. Trouxemo-la dali com esses religiosos e sacerdotes diante, cantando à maneira de procissão».

mento, usavam os navegadores *a dança e a música* ⁴⁸, e, também, o processo de *oferecer os mais variados objectos*, consoante a importância que julgava-se tinha o interlocutor ⁴⁹

A descrição do *aspecto físico* dos índios brasileiros - muito provavelmente os tupi-guaranis ⁵⁰ - devida a Vaz de Caminha, é perfeita: são «pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus» e «os cabelos são corredios e andavam tosquizados de tosquia alta (...) e rapados até por cima das orelhas. E um deles trazia (...) uma maneira de cabeleira de penas de ave amarela». Alguns andavam pintados de vermelho, preto e amarelo, outros adornavam o corpo com penas tão grandes que mais se assemelhavam a setas e, segundo parece, todos tinham o lábio inferior furado, usando nele ossos ou rodela de pau. A observação do cronista foi ao ponto de concluir que os índios não eram circuncidados ⁵¹.

O facto de andarem nus evidenciava o bom clima da região o qual Caminha comparava, naquela época do ano, ao de «Entre Douro e Minho».

No que toca aos comentários que o escrivão de Cabral fez às mulheres índias podemos hoje achá-los verdadeiramente curiosos: os «cabelos muito pretos, compridos, pelas espáduas; e suas vergonhas tão altas e tão çarradinhas e tão limpas das cabeleiras que de nós muito bem as olharmos não tínhamos nenhuma vergonha». «E uma daquelas moças era toda tinta, de fundo acima, (...), a qual certo era tão bem feita e tão redonda e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhes tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela».

As *armas* que os índios usavam, ou pelo menos as que mostraram e que Caminha registou, não iam além de arcos «pretos e compridos» e «setas compridas», as quais em vez de pontas metálicas tinham «canas aparadas».

As *técnicas* que usavam eram rudimentares; desconheciam a mais primitiva construção naval - a almadia - já que se limitavam a fazer meras jangadas através da junção de dois ou mais troncos de árvore; não domesticavam animais; não tinham qualquer tipo de cultura agrícola;

⁴⁸ «Passou-se então além do rio Diogo Dias [seria o mesmo Diogo Dias que Vasco da Gama nomeou para ficar na Índia, como feitor das mercadorias que se propunha lá deixar, e que depois foi resgatado por alguns mouros que o capitão-mor havia feito como reféns?], almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer, e levou consigo um gaiteiro nosso, com sua gaita, e meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos».

⁴⁹ «(...) onde o capitão [Cabral] trouxe consigo aquele mesmo que fez aos outros aquela mostrança para o altar e para o céu [era um ancião, donde, pessoa respeitável, já que não foi possível identificar sinais de qualquer outra hierarquia que não a que resultava da idade] e um seu irmão [entenda-se, outro índio] com ele, ao qual fez muita honra, e deu-lhe uma camisa mourisca e ao outro uma camisa destouras».

⁵⁰ Segundo referência feita à obra *Indian of South America*, Nova Iorque, 1942, de Paul Radin, por Jaime Cortesão, *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994 p. 77.

⁵¹ «Nenhum deles não era fanado, mas todos assim como nós». Segundo Jaime Cortesão, havia a preocupação de verificar se era gente que, de alguma forma, já tivesse tido contactos culturais com muçulmanos, pois que a circuncisão era hábito entre os povos islamizados da África Setentrional. Vd. *op. cit.*, p. 206.

desconheciam os metais, razão que os levou a admirar os machados que os marinheiros manejavam quando construíam a cruz, já que os seus eram de pedra ⁵².

Pese embora o atraso técnico, os índios brasileiros com quem os portugueses pela primeira vez contactaram, tinham *habitações* muito curiosas. Com efeito, há duas descrições de casas indígenas que divergem entre si - uma, a inicial, que se fica a dever a um degredado de nome Afonso Ribeiro, e outra da autoria de três degredados e mais Diogo Dias - facto que me leva a supor não ser verdadeira a que, cronologicamente, foi feita em primeiro lugar. Na verdade, Afonso Ribeiro disse «que não vira lá entre eles senão uma choupaninhas de rama verde e de fetos muito grandes, como de Entre Douro e Minho». Em contra partida, o relato dos outros é bem mais completo e verosímil:

Foram-se lá todos e andaram entre eles, (...), foram bem uma légua e meia a uma povoação de casas, em que haveria nove ou dez casas, as quais diziam que eram tão compridas cada uma como esta nau capitania. E eram de madeira, e das ilhargas, de tábuas, e cobertas de palha; de razoada altura e todas em uma só casa, sem nenhum repartimento. Tinham dentro muitos esteios e de esteio a esteio uma rede, atada pelos cabos em cada esteio, altas, em que dormia, e, debaixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. E tinha cada uma duas portas pequenas, uma em um cabo e outra no outro. E diziam que, em cada casa, se acolhiam trinta ou quarenta pessoas e que assim se achavam (...).

Maior e melhor clareza não se podia desejar, a ponto de, se mais não houvesse, com este trecho quase se poder identificar o tipo de organização social dos índios daquela região do Brasil, em 1500.

Também ficámos a saber o tipo de *alimentação* dos tupi-guaranis naquela época distante. Realmente, Vaz de Caminha fez a síntese mais correcta que se podia:

Eles não lavram, nem criam, nem há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma alimária, que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame que aqui há muito e dessa semente e frutos que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós com quanto trigo e legumes comemos.

Com estas e com outras informações que vou referir, é possível concluir sobre a *organização social e económica* dos índios com quem Cabral contactou em primeiro lugar no Brasil.

Sem grande margem para dúvida, estas populações costeiras constituíam sociedades nómadas, num estágio de economia recolectora, vivendo ainda em plena Idade da Pedra. A ausência de identificação de qualquer hierarquia social, ligado ao tipo de habitação comunitária -

⁵² «(...) eles não têm coisa que de ferro seja e cortam suas madeiras e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau, entre duas talas mui bem atadas e por tal maneira que andam fortes, (...)».

quando muito vivência em clã - leva-me a admitir que as decisões fossem tomadas em conselho de anciãos ⁵³.

Todavia, não deixa de ser curioso que tenha escapado a Jaime Cortesão o presumível papel dos velhos na sociedade contactada por Cabral ou, o que ainda é mais estranho, lhe tenha escapado a verdadeira importância que Caminha lhes atribuiu. Com efeito, aquele historiador acaba mesmo afirmando que o cronista «(...) compreendera, (...), que os aborígenes eram alheios à organização hierárquica e, por isso, não se davam conta dela nos estranhos» ⁵⁴. Ora, creio que a ausência de percepção do sistema hierárquico dos descobridores, por parte dos autóctones, não resultou do facto de não possuírem um, mas, simplesmente, como resultado da diferença de sistemas.

Atingido este ponto, para cumprir o objectivo que me propus, resta concluir o estudo, chegando à síntese possível e que poderá trazer alguns contributos para a compreensão do que foi o primeiro encontro das culturas tradicionais africanas, afro-islâmicas e brasileiras com a cultura portuguesa, representada pela pessoa dos descobridores.

4. CONCLUSÃO

A primeira conclusão, que gostaria de deixar como pista aberta para novas pesquisas, relaciona-se com a dúvida quanto à hipótese de Nicolau Coelho já ter estado no Brasil, ou em terra tida como tal, antes da viagem de Pedro Álvares. Na verdade, se o capitão da nau *Bérrio*, não esteve na costa brasileira antes de ter acompanhado Vasco da Gama, esteve, quase pela certa, em qualquer ponto do Atlântico austral, dada a clareza e concisão de Pêro Vaz de Caminha ao afirmar «*da outra vinda*».

Do estudo que levei a efeito sobre a primeira viagem de Vasco da Gama à Índia e a viagem de Cabral ao Brasil realcei, nesta comunicação, os pontos mais significativos e entendo que será conveniente chamar a atenção para o facto de entre os navegadores portugueses já haver uma muito clara noção da importância dos traços psicológicos e das capacidades pessoais e técnicas de cada um. Esse conhecimento levava a que fossem escolhidos certos indivíduos para

⁵³ O papel hierárquico dos velhos foi vagamente apreendido por Vaz de Caminha e pelos seus companheiros: «Um deles, homem de cinquenta ou cinquenta e cinco anos [já podendo ser considerado um ancião], ficou ali com aqueles que ficaram e ainda chamava outros. Este, andando assim entre eles, falando-lhes, acenou com o dedo para o altar e depois mostrou o dedo para o céu, como que lhes dizia alguma coisa de bem; e nós assim o tomámos». Tais atitudes, demonstrativas de respeito, só podiam ser tomadas por quem algum ascendente tivesse sobre os seus semelhantes. Isso mesmo foi entendido por Cabral que «(...) trouxe [para a sua nau, após a missa] consigo aquele mesmo que fez aos outros aquela mostrança para o altar e para o céu (...), e deu-lhe uma camisa mourisca e ao outro [que, não estando especificado se era um velho, também havia ido para a nau de Cabral] uma camisa destouras».

⁵⁴ Jaime Cortesão, *op. cit.*, p. 76.

determinadas missões, quer elas fossem de suprema importância, quer se tratassem de meras explorações locais ou do estabelecimento de boas relações com povos desconhecidos ou pouco dados ao convívio.

Julgo que se pode concluir, com realce, a existência de técnicas ou métodos de estabelecimento de contactos com os povos autóctones das terras descobertas. Realmente, é primário julgar-se que, nesse domínio, os portugueses se limitaram ao emprego de processos que somente exploravam, nos aborígenes, a curiosidade e o desejo de posse pelo desconhecido ⁵⁵. As sucessivas décadas de descobertas ao longo da costa ocidental africana, apuraram esses métodos que ainda serviram no Brasil, mas que entraram em completa decadência na Índia, ou nas sociedades orientais, técnica, social e religiosamente desenvolvidas. Nessas partes longínquas, onde os portugueses apareceram em concorrência com outros povos comerciantes - nomeadamente, muçulmanos - as técnicas de estabelecimento de contacto social usadas em África mostraram-se ineficientes, razão pela qual, muito em breve, se passou a adoptar um relacionamento na base da força das armas ⁵⁶.

Relativamente aos estádios socio-culturais dos povos africanos, contactados por Vasco da Gama, e brasileiros, descritos por Vaz de Caminha, podem criar-se três grandes divisões, que comportam subdivisões específicas, a saber: populações nómadas, sedentárias e coloniais.

Os grupos claramente identificáveis como nómadas são os que habitavam a Angra de St.^a Helena, a Angra de S. Brás - na África austral - e Porto Segura ou Baía Cabrália - no Brasil. As diferenças entre eles resultavam de formas de especialização económica. Assim, enquanto os índios do Brasil estavam no mais recuado estágio de nomadismo - o recolector -, os negros de Angra de St.^a Helena haviam já atingido o patamar seguinte - o da caça - e os de Angra de S. Brás estavam próximos de uma possível sedentarização, através da prática da pastorícia.

Os grupos populacionais identificáveis como sedentários eram os de Inharrime, de Quelimane, da Ilha de Moçambique e da Ilha de S. Jorge, todos na costa oriental da África. As diferenças, também resultantes de formas de especialização económica, eram as seguintes: enquanto em Inharrime se vivia exclusivamente da agricultura, em Quelimane começava a compatibilizar-se o complexo agrícola com a actividade comercial, através do seu exercício por elementos alheios ao grupo residente, por outro lado, nas Ilhas de Moçambique e de S. Jorge já se vivia uma economia apoiada na agricultura e no comércio.

⁵⁵ Repare-se, por exemplo, o que representa de esforço aproximativo a seguinte passagem da **Carta** de Vaz de Caminha: «Os [índios] que o capitão trouxe era um deles um dos seus hóspedes que à primeira [vez], quando aqui chegámos, lhe trouxeram, o qual veio hoje aqui vestido na sua camisa, e com ele um seu irmão, *os quais foram esta noite mui bem agasalhados assim de vianda como de cama de colchões e lençóis por os mais amansar*».

⁵⁶ Atente-se na forma distante e arrogante como Vasco da Gama foi recebido pelo Samorim, em Calicut, e nas instruções que D. Manuel dá a Pedro Álvares Cabral demonstrativas da força que poderia e deveria exibir para serem aceites as condições que o Rei português desejava ver satisfeitas. Cf, por exemplo, Luís de Albuquerque, **Os Descobrimentos Portugueses**, Lisboa, Alfa, 1985, pp. 136 e 149-158.

O grupo colonial era o das cidades de Mombaça e Melinde, o qual parece que já se havia desenraizado de qualquer forma cultural tradicional às primitivas populações africanas para adoptar os padrões culturais islâmicos, ou, em última análise, padrões culturais mistos. Tratavam-se de sociedades que vivendo do comércio, deviam praticar uma agricultura destinada ao sustento das populações mercantis.

Como última reflexão conclusiva, arriscava-me a dizer que a evolução técnica, com a respectiva sedentarização e passagem à actividade comercial, chegou à África austral, no lado virado a oriente, pela mão islâmica e foi, mais tarde, continuado pela presença portuguesa.

Lisboa, 17 de Setembro de 1994

BIBLIOGRAFIA

- AA. VV. — *Lisboa e os Descobrimentos. 1415 - 1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses*, Lisboa, Terramar, s. d. (1992).
- Águas, Neves (Apr.) — *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, Publicações Europa-América, Mem Martins, s. d. (1987).
- Albuquerque, Luís de — *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Edições Alfa, 1985.
- «Mombaça» in *Dicionário de História de Portugal*, (dir. Joel Serrão), IV vol., Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 329.
- Burlot, Joseph — *A Civilização Islâmica*, Publicações Europa-América, Mem Martins, s.d. (1992).
- Cortesão, Jaime — *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.
- *Os Descobrimentos Pré-Colombinos dos Portugueses*, Lisboa, Portugália Editora, 1966.
- *A Política de Sigilo nos Descobrimentos nos Tempos do Infante D. Henrique e de D. João II*, Lisboa, 1960, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique.
- Ferraz, José de Freitas — «Nicolau Coelho» in *Dicionário de História de Portugal*, (dir. Joel Serrão), vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 92.
- Louro, Maria Lucília Estanco — «Pêro Escobar» in *Dicionário de História de Portugal*, (dir. Joel Serrão), vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 418.
- Miguel, Maria Ângela Montenegro — «Sofala» in *Dicionário de História de Portugal*, (dir. Joel Serrão), vol. VI, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, pp. 56-57.
- Ramos, Prof. Manuel — «A tradição portuguesa de terras e viagens para ocidente; Cabral e o Brasil» in *História de Portugal*, (dir. Damião Peres), vol. III, Barcelos, Portucalense Editora, 1931, p. 597.